

## Entre afetos e saberes: escrevivências de um café curricular

Fábio Santos da Silva<sup>i</sup> 

Universidade Regional do Cariri, Campos Sales, Ceará, Brasil

Marta de Oliveira Carvalho<sup>ii</sup> 

Universidade Regional do Cariri, Campos Sales, Ceará, Brasil

### Resumo

Este relato apresenta as escrevivências produzidas por alunos e professores do Programa de Mestrado em Educação da Universidade Regional do Cariri (URCA), na disciplina Práticas Educativas e Organização Curricular. Fundamentado na concepção de currículo vivido, o texto analisa a experiência dos cafés curriculares, encontros semanais que articularam leituras, debates teóricos, memórias e práticas formativas. O estudo utiliza abordagem qualitativa e tem como dados principais as narrativas escritas pelos participantes, anotações de campo e registros das discussões. As escrevivências, entendidas como escritas coletivas que integram afetos, trajetórias e reflexões compartilhadas, revelam como os sujeitos ressignificam suas histórias, articulam saberes e constroem compreensão crítica sobre teorias e políticas curriculares. A experiência demonstrou que o currículo se produz também na afetividade, na escuta sensível e na coletividade.

**Palavras-chave:** Escritas. Vivências. Café curricular. Saberes e afetos.

### Between affections and knowledge: writings from a curricular café

### Abstract

This report presents the writings produced by students and teachers of the Master's Program in Education at the Regional University of Cariri (URCA), in the discipline of Educational Practices and Curricular Organization. Based on the concept of lived curriculum, the text analyzes the experience of curriculum cafés, weekly meetings that articulated readings, theoretical debates, memories and training practices. The study uses a qualitative approach and its main data are narratives written by participants, field notes and records of discussions. Writings, understood as collective writings that integrate shared affections, trajectories and reflections, reveal how subjects give new meaning to their stories, articulate knowledge and build critical understanding of theories and curricular policies. Experience has shown that the curriculum is also produced in affectivity, sensitive listening and the community.

**Keywords:** Writings. Experiences. Curricula café. Knowledge and affections.

## 1 Introdução

Criado por Conceição Evaristo (2020), o termo escrevivências traz a junção das palavras “escrever e vivência”. Que, segundo a autora, as escrevivências não são

a escrita de si, por que se esgota no próprio sujeito. Ela carrega a vivência da coletividade. Embebido nas palavras da autora, trago aqui as escritas das vivências dos cafés curriculantes nas manhãs de sextas-feiras, imbuído de muitas delícias com afetividade e também recheado de experiências e vivências que renderam aprendizagem.

Na perspectiva da coletividade, este texto apresenta as escrevivências a partir dos afetos e das experiências vividas por alunos e professores curriculantes do Programa de Mestrado em Educação da Universidade Regional do Cariri (URCA), no primeiro semestre do ano de 2023, na disciplina de Práticas Educativas e Organização Curricular. Assim, o ponto de partida para a escrita deste texto, está na concepção de currículo vivido e experienciado, que está para além da prescrição e execução de uma proposta que não apresente sentido, mas, que estão envolvidos no movimento da construção de conhecimento.

As escrevivências curriculares experimentadas nessa disciplina e todas as reações aqui descritas e tantas outras, é o reflexo de uma escrita vivida, das dores compartilhadas, das alegrias, do afeto e dos sentimentos quando falamos sobre nós e sobre as nossas vivências, fruto de quem fomos e dos lugares por onde passamos. Uma vez que o ato de rememorar possibilita que as dimensões pessoais que foram perdidas com o avanço do mundo moderno sejam recuperadas na relação temporal entre passado, presente e futuro.

Ao contemplar a produção de escrevivências estamos considerando a troca de repertórios e visão de mundo e, ao mesmo tempo, a valorização do sujeito único, ativo e interativo. Nossos encontros a cada café coletivo foram também regados de muitas leituras, indicações de livros e falas emocionantes de experiências vividas. Entendemos que é através da memória que nos tornamos sujeitos da experiência coletiva, por ser vivenciada sempre na relação com os outros, mas também individual, uma vez que cada acontecimento na vida dos curriculantes é gerador de diferentes significados para os que vivenciam. Que segundo Le Goff (2013) a memória, a qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro.

A construção desses momentos regados de muito café e acolhimento só foram possíveis graças às vivências e experiências do passado no anseio por novos desafios e aprendizados do futuro que ainda não chegou. Não resta a menor dúvida de que trazemos em nossa bagagem emocional e intelectual muitos saberes. No entanto, nossas vivências em nossa memória só passam a compor a nossa história e só tornam experiências no momento em que nos dispomos a refletir, a relacionar e a tecer nossas singularidades. É a passagem desse caminho que tentaremos percorrer nas páginas que se seguem.

A escrita das nossas vivências durante os dias de sexta-feira, que aqui denominei de Escrevivências: escritas e vivências de um café curricular, tem a missão de contar as histórias pessoais e profissionais dos sujeitos envolvidos, que ouvimos e compartilhamos. Logo, estamos de acordo com o pensamento de Jacques Le Goff (2013) quando ele diz que, à história começou como um relato, a narração daquele que pode dizer eu vi, senti. E foi cheio dos desejos de compartilhar, aprender e refletir a nossa prática educativa em um lugar onde o saber não se dissocia da prática e do fazer cotidiano.

As páginas que se seguem e que proponho aqui são resultado das nossas vivências na disciplina de Práticas Educativas e Organização Curricular, mediada pelo prof. dr. Cícero Magerbio Gomes Torres, pela profa. dra. Francione Charapa Alves e pelo professor dr. Jefferson Antunes que, certamente, foram fundamentais na construção de um novo saber curricular. Que sorte nós tivemos de usufruir da partilha do conhecimento de pessoas tão singulares e tão generosas em compartilhar seus saberes e nos fazer enxergar o mundo curricular com um olhar cheio de cores.

Dessa forma, este relato busca registrar e refletir sobre as experiências vividas ao longo da disciplina, ressaltando a riqueza dos diálogos, a profundidade dos debates teóricos e a intensidade das escrevivências compartilhadas, que se constituíram em momentos formativos singulares e transformadores.

## 2. Metodologia

A experiência aqui relatada foi desenvolvida no âmbito da disciplina de Práticas Educativas e Organização Curricular, ofertada no primeiro semestre de 2023 pelo Programa de Mestrado em Educação da Universidade Regional do Cariri (URCA). O estudo adota uma abordagem qualitativa de caráter descritivo, configurando-se como um relato de experiência fundamentado em escrituras, conceito proposto por Conceição Evaristo (2020), que articula escrita e vivência em uma dimensão coletiva.

4

O locus da experiência foi a própria sala de aula do curso de mestrado, em encontros semanais que se constituíram como espaços de diálogo, partilha e aprofundamento teórico, denominados cafés curriculares. Os sujeitos envolvidos foram os professores responsáveis pela disciplina e os mestrandos, que atuaram como protagonistas do processo formativo ao narrar, refletir e socializar suas trajetórias pessoais e profissionais.

A dinâmica da disciplina se estruturou a partir da divisão da turma em equipes, cada uma responsável por conduzir um encontro com base em temáticas previamente definidas, tais como teorias curriculares (tradicionais, críticas e pós-críticas), políticas curriculares, práticas curriculares e desenvolvimento curricular. Além de organizar leituras e metodologias ativas, cada grupo também era responsável por preparar o café e as comidas que compunham os encontros, transformando-os em momentos de convivência marcados pelo acolhimento, pelo afeto e pelo sentimento de pertencimento. Essa prática simples, mas carregada de significados, reforçou o caráter coletivo da experiência e deu ainda mais sentido às escrituras.

Os instrumentos de coleta foram as próprias narrativas escritas pelos participantes, as anotações de campo produzidas durante os encontros e as falas registradas nos debates, que serviram como fonte de reflexão e análise. O processo analítico ocorreu por meio da rememoração e sistematização das experiências, valorizando tanto a dimensão afetiva quanto a construção teórica que emergiu dos diálogos.

No que se refere aos aspectos éticos, respeitou-se a singularidade de cada participante, preservando suas falas no âmbito da coletividade e compreendendo as escrituras como produções que carregam marcas individuais, mas que ganham

sentido na partilha com o outro. Assim, a metodologia se constituiu em um exercício de escrita da experiência, que uniu memória, afeto e conhecimento na construção de uma narrativa coletiva.

### 3. Resultados e Discussões

5

Em algum momento desse texto escrevo em primeira pessoa porque as escrevivências nascem justamente da voz de quem viveu cada momento. Para falar sobre os outros e sobre a turma, preciso antes situar de onde falo, quais caminhos me formaram e quais experiências me atravessaram. Assumo essa escolha de escrita porque minhas memórias, sentimentos e percepções fazem parte do sentido que desejo construir aqui e, como nos ensina a própria ideia de escrevivências, a história só ganha vida quando é contada a partir de quem a viveu. Não apresento a vocês ninguém que já não conheçam. Sou um típico brasileiro que vive a sonhar, que vive a imaginar, esperando o dia em que seus “sonhos” irão se tornar reais.

Fui um menino cheio de sonhos, que mesmo diante das dificuldades continuava a sorrir, hoje sou um professor da rede pública de ensino e me realizo no que faço. Estar no mestrado sempre foi um sonho que alimentei por anos e por vezes achava impossível, no entanto, chegou esse dia e não poderia ser com outra turma, temos a melhor e posso provar. Convido você a descobrir lendo as minhas escrevivências. Venha se deliciar com escritas e vivências de uma turma de mestrado que tem muito a compartilhar.

As escrevivências desenvolvidas na disciplina Práticas Educativas e Organização Curricular, no âmbito do Programa de Mestrado em Educação da URCA, revelaram-se um exercício formativo marcado por afetividade, diálogo e aprofundamento teórico. Os cafés curriculares, realizados semanalmente, constituíram o espaço privilegiado para a vivência das teorias curriculares, permitindo que os mestrandos pudessem experimentar, narrar e refletir sobre seus próprios percursos formativos.

O primeiro eixo abordado foram as Teorias Tradicionais do Currículo, apresentadas por uma equipe de colegas que, de forma criativa, articularam textos de

referência, como Documentos de Identidade, de Silva (1999). O debate revelou como essas teorias sustentam uma visão de currículo centrada na eficiência, na neutralidade científica e na racionalidade técnica, ainda presentes em muitas práticas escolares. A turma resgatou lembranças de suas vivências na educação básica, reconhecendo como a lógica da escola tradicional marcou sua formação, reforçando relações de poder e silenciamento de vozes dissonantes. A discussão evidenciou que tais teorias ajudaram a estruturar uma visão de escola voltada à adaptação social, à semelhança de uma empresa industrial.

Na sequência, as Teorias Críticas do Currículo representaram uma ruptura significativa. A equipe responsável pela apresentação, composta por colegas da turma, utilizou metodologias ativas como dramatizações e a exposição de cartazes com frases de movimentos sociais para instigar a reflexão. Inspirados em autores como Tomaz Tadeu da Silva (1999), compreendemos que o currículo não é neutro, mas atravessado por ideologias e relações de poder. Essa perspectiva aproximou-se do pensamento de Freire (2021), ao evidenciar que a educação bancária perpetua desigualdades e que a crítica ao currículo hegemônico é fundamental para transformações sociais. O grupo destacou ainda que o currículo real e o currículo oculto revelam contradições e disputas, tornando-se espaço de resistência e de conscientização crítica.

Posteriormente, as Teorias Pós-críticas do Currículo foram exploradas com ênfase na diferença, na multiculturalidade e nas relações de saber-poder. A equipe responsável utilizou recursos didáticos criativos para envolver a turma em debates sobre gênero, etnia, diversidade cultural e pluralidade de identidades. Partindo de Silva (1999), compreendemos que o poder está em toda parte e assume formas múltiplas, mas algumas delas são mais ameaçadoras e excludentes que outras. As falas e relatos pessoais dos mestrandos reforçaram a importância de um currículo que reconheça as vozes marginalizadas e questione os paradigmas homogêneos que ainda marcam muitas práticas escolares.

O estudo das Políticas Curriculares trouxe à tona textos de autoras como Lopes (2004) e Cruz (2007), além de artigos mais recentes como Assis e Santos (2022). A equipe mediadora, de forma leve e dinâmica, articulou leitura prévia com

debates em roda de conversa, promovendo reflexões sobre o papel do professor na efetivação de reformas e diretrizes oficiais. A turma reconheceu que, muitas vezes, os docentes não percebem a força das políticas que moldam sua prática e identidade profissional, sendo atravessados por documentos que pouco dialogam com a realidade escolar. Ficou evidente a necessidade de compreender que o currículo é também uma política cultural, campo de disputas e seleções que refletem interesses hegemônicos.

7

Nas Práticas Curriculares os colegas trouxeram textos que problematizavam feminicídio, relações étnico-raciais e sexualidade. Esses temas, ainda marginalizados nos currículos oficiais, foram discutidos a partir das experiências docentes dos mestrandos, revelando dificuldades em enfrentá-los no cotidiano escolar. Um dos textos de apoio Valente e Dantas (2021) questionava a postura dos professores diante de situações de racismo, gerando debates intensos sobre omissões, inseguranças e limitações da prática docente. Outros textos abordaram gênero e sexualidade, trazendo à tona tabus que ainda resistem no espaço escolar. A vivência mostrou que a prática curricular precisa se abrir para temas urgentes, sob pena de perpetuar exclusões e violências.

Por fim, o estudo sobre Desenvolvimento Curricular mobilizou o conceito de Pacheco (2005), enfatizando a complexidade de compreender o currículo como processo em permanente elaboração, implementação e avaliação. A equipe mediadora destacou que, mais do que produto final, o currículo é construção contínua, criativa e situada. As discussões levaram os mestrandos a refletirem sobre o impacto de suas práticas docentes na produção curricular e sobre a necessidade de romper com modelos prescritivos e fragmentados.

O encerramento da disciplina foi marcado por um momento de síntese e afetividade, mediado pelos professores responsáveis. Uma atividade simbólica com a construção de uma mandala representou a unidade do grupo e a trajetória formativa vivida ao longo da disciplina. Embalados por músicas e memórias, os mestrandos reconheceram que o currículo se constrói não apenas em documentos oficiais, mas principalmente nas experiências, nos afetos e nos encontros que mobilizam sujeitos a se reconhecerem como parte de uma coletividade.

Assim, os resultados das escritas revelam que o currículo é prática viva, social e política, atravessada por memórias e resistências. As experiências nos cafés curriculares mostraram que a formação docente se fortalece quando teoria e prática se entrelaçam, quando o diálogo é valorizado e quando as narrativas individuais se tornam parte de uma história coletiva.

#### 4. Considerações finais

8

A disciplina de Práticas Educativas e Organização Curricular nos levaram a pensar o currículo escolar num contexto social, econômico e político vinculado a uma visão mais ampla sobre a sociedade, considerando, portanto, todos os conflitos presentes na sociedade em que nós estamos inseridos. Uma vez que somente a partir desse entendimento possamos afastar os discursos que dificultam a percepção crítica da realidade, e possamos, enfim, ampliar as nossas possibilidades de conhecimento.

Ao descrever aqui os relatos e as experiências que chamamos de escritas: escritas e vivências de um café curricular, a sensação é de dever cumprido até aqui. Chegamos sem entender o que seria e como seriam esses momentos e de repente fomos informados que tínhamos a missão de escrever as nossas vivências durante toda a disciplina. Claro, que inicialmente causou um impacto, principalmente por que não sabíamos que os nossos encontros seriam tão ricos de acolhimento.

A cada encontro uma equipe era responsável pela mediação e era sempre regado de um belo café curricular cheio de muitas delícias. E assim, começava uma nova discussão, um novo debate, novas histórias estavam sendo contadas e novas experiências estavam sendo compartilhadas e vividas. Era difícil a emoção não estar presente em todos os encontros, pois, as histórias de vidas contadas estavam interligadas umas nas outras, seja por um ou por outro motivo e assim, fomos construindo os nossos momentos.

Foram momentos marcados pela emoção, sem dúvidas, mas também marcados por muita aprendizagem e compartilhamento de conhecimentos. As discussões eram sempre fundamentadas em bons textos, bons livros, boas indicações

de leituras e sempre com boas metodologias aplicadas. A turma tinha sede em participar e com isso os debates eram sempre muito intensos e cheios de intervenções pelos colegas. Cada um sentia a necessidade de compartilhar as suas vivências e colocar o seu entendimento sobre as leituras feitas previamente durante a semana.

Escrever essas vivências alegra-nos, principalmente em saber que daqui a alguns anos teremos a possibilidade de ler tudo isso e rememorar cada momento. As vivências aqui descritas cresceram regadas em uma grande dor. Dores da convivência, dores da ausência, dores da necessidade e dores da ignorância. Mas todas essas dores compartilhadas hoje se transformaram em flores e por isso é tão necessária essa escrita, para que possamos, então, mostrar ao mundo que somos feitos de vivências e que cada história tem um significado e por isso deve ser ouvida.

Nunca imaginamos está hoje escrevendo sobre as vivências que compartilhamos em uma turma de mestrado, minha turma de mestrado. Por isso, por muitas vezes deixamos a emoção falar mais alto que a própria voz, as palavras fluem sempre cheias de saudosismo, mas acreditamos que seja fruto do acolhimento, do afeto e do respeito que colhemos durante essa disciplina. Sem dúvidas foram momentos memoráveis e de muito significado proporcionado pelos nossos queridos professores Dr. Cícero Magerbio Gomes Torres, pela profa. Dra. Francione Charapa Alves e pelo professor Dr. Jeferson Antunes, que, sempre tão generosos, estavam atentos a escuta e sempre dispostos a compartilhar seus ensinamentos e apontar caminhos.

## Referências

ASSIS, Camilla Rubim de; SANTOS, Marcio Antonio Raiol. O impacto das políticas curriculares na formação docente e a quebra da autonomia do(a) educador(a): uma análise crítica à luz da perspectiva freiriana, **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 71, out./dez. 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/69362> Acesso em: 07 de dez. 2025.

CRUZ, Giseli Barreto da. A prática docente no contexto da sala de aula frente às reformas curriculares. **Educar**, Curitiba, n. 29, p. 191-205, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/xtdbph9XCmYhbVVXnYv7bNp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07 dez. 2025.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2013.

LOPES, Alice Casimiro. Políticas curriculares: continuidade ou mudança de rumos? **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 26, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/bjF9YRPZJWWyGJFF9xsZprC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07 dez. 2025.

PACHECO, José Augusto. **Escritos Curriculares**. São Paulo: Cortez, 2005.

SILVA, Leonardo Agostinho da; OLIVEIRA, Meyre-Ester Barbosa de. Currículo, Sexualidade e Ação Docente: desdobramentos discursivos e os sentidos produzidos no contexto escolar. **Revista Espaço do Currículo**, João Pessoa, v. 13, n. Especial, p. 820-833, dez. 2020. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/348400668\\_CURRICULO\\_SEXUALIDADE\\_E\\_ACAO\\_DOCENTE](https://www.researchgate.net/publication/348400668_CURRICULO_SEXUALIDADE_E_ACAO_DOCENTE). Acesso em: 07 dez. 2025.

SILVA, Tomas Tadeu da. **Documentos e identidade**: uma introdução às teorias do Currículo. Belo Horizonte: autêntica 1999.

VALENTE, Gabriela; DANTAS, Adriana Santiago Rosa. Práticas docentes e relações étnico-raciais: Reflexos da sociedade brasileira. **Cadernos de Pesquisa**, 51, 2021. <https://www.scielo.br/j/cp/a/MLCGnnTDc78bq8DBH7hyx7m/?lang=pt>. Acesso em: 07 dez. 2025.

<sup>i</sup> **Fábio Santos da Silva**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5543-3706>

Universidade Regional do Cariri, Universidade Estadual do Ceará.

Mestre em Educação; Graduado em Pedagogia pela (UECE); graduado em Ciências Biológicas pela URCA. Especialista no Ensino de Biologia e Química pela URCA. Técnico em Secretaria Escolar pelo IFCE e professor da rede municipal e na Universidade Regional do Cariri - URCA.

Contribuição de autoria: escrita do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5807844782164723>

E-mail: [fabiosanttos.s.2010@gmail.com](mailto:fabiosanttos.s.2010@gmail.com)

<sup>ii</sup> **Marta de Oliveira Carvalho**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5186-9361>

Universidade Regional do Cariri, Universidade Estadual do Ceará.

Pós-Graduada em Gestão Escolar; Pedagoga (UECE); possui graduação em Administração Pública (UECE) e em Ciências Biológicas (URCA). Especialista no Ensino de Biologia e Química (URCA). Professora na Rede Municipal e Estadual em Campos Sales e na Universidade Regional do Cariri - URCA.

Contribuição de autoria: escrita do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2110004778055163>

E-mail: [martacarvalhojh@gmail.com](mailto:martacarvalhojh@gmail.com)

**Editora responsável:** Ariene Stephanie Menezes Pereira Pinto

Recebido em 28 de dezembro de 2025.

Aceito em 28 de dezembro de 2025.

Publicado em 29 de dezembro de 2025.

**Como citar este artigo (ABNT):**

SILVA, Fábio Santos da; CARVALHO, Marta de Oliveira. Entre afetos e saberes: escrituras de um café curricular. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 6, n. 1, 2025.